

Infância e Memória: nuances do cotidiano das crianças dos anos 50 - Rio Grande

Bruna da Silva Garcia¹
Adriana Kivanski Senna²

Resumo: A segunda metade do século XX no Brasil foi um momento de efervescência social. Foi o momento de mudança na paisagem urbana, e em Rio Grande isso não foi diferente: urbanização é a palavra-chave que encabeça os anos 50. Mas o que pensar em relação à população que residia na cidade? Ou o que podemos observar sobre os pequeninos, e qual era o papel das crianças na cidade do Rio Grande nesse momento histórico? Crianças que por muito tempo foram descritas pelos adultos, são representadas nesse artigo como donas da sua própria história. Brincadeiras, sonhos, peripécias, são os principais assuntos abordados brevemente nessa pesquisa, incluindo sua atuação dentro das fábricas têxteis. O tema aqui apresentado, visa observar alguns nuances do cotidiano de adultos que foram crianças na década de 1950, tendo como enfoque a memória de idosos sobre a infância. A metodologia utilizada aqui, é aquele que permeia os paradigmas da História Oral e da memória. Levando em consideração as palavras do historiador Henry Rousso; a memória e porque não a oralidade é "[...] uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda a memória é, por definição, coletiva."(ROUSSO: 2006) Por fim, este artigo foi elaborado para conclusão da Especialização em História do Rio Grande do Sul, promovido pela FURG.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Infância.

Introdução

No século XX, percebemos profundas transformações, no cenário político, econômico e social do Brasil. Observamos mudanças que envolveram todas as federações, inclusive o Rio Grande do Sul. De guerras mundiais à ditadura militar, o Brasil fez parte de praticamente todo o cenário mundial, o Rio Grande também teve sua participação em todo esse processo. No que diz respeito a economia, desde o limiar do século XX o estado sulino já contava com a introdução e alguns anos mais tarde a solidificação da indústria.

A industrialização do Rio Grande do Sul, na virada do século XIX para o século XX, situa-se em dois pólos produtores principais, com feições bastante distintas entre si. Um é formado pelos estabelecimentos situados em Rio Grande e Pelotas, e o outro é composto pelas unidades localizadas em Porto Alegre, Caxias do Sul e Vale do Rio dos Sinos. (ARAVANIS; 2010).

¹ Especialista em História do Rio Grande do Sul. Pós-Graduada do PPGH-FURG Mestrado Profissional. Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: gs.anurb@gmail.com

² Professora da FURG. Coordenadora do LABHOR. E-mail: adrianasenna@vetorial.net

Ao final do século XIX e início do século XX, Rio Grande era uma cidade precursora dos processos industriais na região sulina. Cidade portuária³ que moveu a maior parte do escoamento da produção estatal. Na década de 1950, vivia seu apogeu industrial, não mais baseada em bens de consumo não duráveis, mas agora calcada em estruturas de base.

Para além dessas questões econômicas, observamos um envolvimento por parte da governança local no processo de emancipação social e cultural focada na transformação dos espaços públicos em territórios de lazer e cultura, onde o enfoque principal era o de embelezar e modernizar a cidade. Foram implementadas melhores condições de moradia, saneamento básico e um eficiente abastecimento de água e energia elétrica. De acordo com o geógrafo Solismar Fraga Martins, Rio Grande da década de 1950 “era bem dotada de infraestrutura urbana como rede de esgotos, abastecimento de água, linhas telefônicas, energia elétrica e transporte urbano”. (MARTINS; 2006)

Seguindo nessa perspectiva, os habitantes mais pobres dessas áreas urbanas foram expulsos devido à implementação desses processos de “limpeza” do centro. Além disso, foi a partir desse momento que começaram a formação das vilas e dos loteamentos adquiridos ilegalmente. No que diz respeito a economia citadina, o autor trabalha também com a transição entre as indústrias têxteis do início do século para as indústrias de base que estariam envolvidas no ramo de petróleo e o siderúrgico, essas se estabeleceram em Rio Grande entre as décadas de 1937 e 1950.

Essa era a cidade do Rio Grande nos anos 50. Essas transformações econômicas e sociais não foram usufruídas por todos os habitantes do Rio Grande - o centro estava sendo transformado, passando por políticas de “embelezamento”. Os mais pobres, se viram obrigados a migrarem para zonas periféricas e reconstruir suas vidas longe do centro urbano, agora reconstruído. Dentro desse contexto, o presente artigo tem o intuito de trabalhar com as memórias de cidadãos rio-grandinos que vivenciaram esses acontecimentos e foram crianças na cidade na década de 1950. Evidentemente que quando se trata de crianças, é um tanto difícil expor quais eram as influências desses acontecimentos na vida delas, pois para os

³ “A historiografia registra que cidades portuárias tendem a desenvolver fortes organizações de trabalhadores, ligados às atividades marítimas. Mas, na Primeira República, Rio Grande também compôs, juntamente com Pelotas, um pólo industrial de respeitáveis proporções e que, em alguns momentos, conseguiu rivalizar com aquele formado pela capital do Estado, tanto em números de indústrias, quanto da quantidade de trabalhadores empregados.” Rio Grande, por mais que tivesse um importante representante econômico, o porto, ela desenvolveu-se além disso sob a égide do capitalismo e da industrialização. Num primeiro momento voltada para os bens de consumo, e após percebemos que a cidade adentrou a perspectivas das indústrias de base. IN: ALVES, Francisco das Neves (orgs.). O mundo do trabalho na cidade do Rio Grande. Editora da FURG: Rio Grande, 2001. (Pág. 22)

pequenos a noção que contextualiza a história não seria o mesmo para os adultos, por exemplo. Por isso, neste trabalho, as crianças tiveram sim a passagem por certos momentos da história cidadina. Contudo, cabe-nos esclarecer que todos esses sujeitos foram escolhidos aleatoriamente devido, principalmente, a dificuldade de encontrar pessoas que estão em perfeitas condições de saúde para expor suas memórias e dentro dos espaços em que foram feitas essas entrevistas - asilos - os idosos eram de várias classes sociais, o que ainda dificultou na escolha das entrevistas. Portanto, serão consideradas nesse artigo, aqueles que podem contribuir em dois aspectos: o trabalho e o divertimento/brincadeiras, sendo de classes diferentes ou não.

Para a construção teórica e metodológica deste trabalho serão utilizadas fontes bibliográficas, com o intuito de elencar e legitimar a importância da oralidade e da memória bem como a História Oral como metodologia científica. Além disso, serão analisadas quatro entrevistas, com o intuito de trazer a baila aspectos da vida de idosos que foram crianças na década de 1950 na cidade do Rio Grande, ou seja, que foram atores nesse momento da história local cidadina. A partir desses testemunhos, seria um equívoco tentar compreender e estabelecer generalizações quanto a uma época específica, aqui 1950. A perspectiva estabelecida nesse trabalho leva em consideração a construção cultural e social em que essas fontes estão inseridas e, de certa maneira, é estabelecido aqui um parâmetro qualitativo, aquele que visa uma “pesquisa-ação” com o intuito de gerar mudanças e contribuições sociais, tendo em vista que essas entrevistas não só podem como devem expressar, mesmo que de forma sucinta os anseios, acordos e desacordos de uma determinada sociedade. De acordo com o historiador Michael Frisch,

[...] não se trata apenas de entender as dimensões da memória coletiva no contexto da história, mas, sobretudo, de entender como a historicização formal e autoconsciente vem se transformando numa dimensão cada vez mais importante do como lembramos o passado e entendemos sua relação com a vida e a cultura contemporânea. (FERREIRA. AMADO; 2006)

A partir dessa premissa, é importante salientar que das quatro entrevistas utilizadas nesse artigo três delas são feitas com mulheres e apenas uma sob a perspectiva masculina. Todos os idosos estão alocados em asilos. Mas porque esses testemunhos foram escolhidos? Principalmente, devido às generosas informações que puderam ser recolhidas através da História Oral. Sabemos da fragilidade da memória enquanto produto histórico. Contudo, é possível através dela perceber alguns aspectos que de alguma forma não foram representadas em outros documentos. Serão utilizadas aqui, as lembranças que se enquadram na perspectiva

do antropólogo Jöel Candau de que “[...] a memória prioritariamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento.” (CANDAUI; 2011) Sendo assim, o intuito é utilizar memórias de pessoas que contribuam de forma tenaz para essa pesquisa.

É importante ressaltar que na maioria desses espaços destinados aos idosos existem muitas mulheres em detrimento dos homens e por isso, foram utilizados mais entrevistas com sujeitos do gênero feminino. Portanto, é importante salientar que as fontes selecionadas para esse trabalho foram escolhidas com o intuito não somente de apresentar a História, conceitual e contextual, mas de trabalhar a perspectiva de historicização, em que o sujeito se encontre dentro da História e se percebe como agente social dentro do processo.

Fontes, Metodologia e Infância.

A fonte oral é o sustentáculo legitimador deste trabalho. A oralidade por muito tempo foi a base da História; na antiguidade os gregos já utilizavam esta fonte para construir suas histórias e para legitimar as suas tradições. Paraphrasing Paul Thompson, os testemunhos foram a primeira espécie da história, e perduraram até o início do século XIX. A partir desse momento, numa tentativa de formar uma disciplina histórica de fato, novas teorias e novas metodologias surgiram ao longo do século XIX. Com uma tradição empírica e factual, a escola metódica emergiu na tentativa de solucionar as divisões entre as ciências e mais do que isso, de colocá-las em seus lugares dentro da academia. Para o professor Jorge Lozano;

A evidência oral era abertamente rejeitada. Essa atitude e mola do fazer histórico predominaram até depois de meados deste século, quando certos historiadores, ansiosos por encontrarem novos temas e fontes de informação, “reconheceram” e iniciaram, de forma entusiástica e não raro romântica, a construção, sistemática ou não, de novas fontes orais. (LOZANO; 2006)

A partir do ano de 1929, a disciplina histórica muda de figura. Novas abordagens, novas metodologias, novas transformações: a escola dos Annales modificou a estrutura científica da História, propondo uma nova forma de entender os processos históricos. Concomitantemente, a oralidade caminhava junto com essa escola, mesmo se consolidando na periferia das discussões teórico-metodológicas. Com o advento do gravador a fita, nas décadas de 1950 e 1960, surgiu a técnica de extrair essa oralidade a partir das memórias de

indivíduos que vivenciaram certos acontecimentos. Para nós, admiradores e historiadores orais, a História Oral é uma metodologia, mas para a grande maioria dos pesquisadores do século XX, ela ainda não era detentora da verdade e era vista e utilizada como uma simples prática. Além disso, essa metodologia foi responsável por promover diálogos multidisciplinares entre as ciências sociais. De acordo com Thompson;

O método da História Oral é utilizado também por muitos estudiosos, particularmente sociólogos e antropólogos, que não se consideram historiadores orais. O mesmo se dá com jornalistas. Contudo, todos eles podem estar escrevendo história; e sem dúvida estão provendo a História. (THOMPSON; 1992)

Quando, de fato, se propôs diálogos entre a História Oral e a disciplina histórica? A discussão se deu em torno das temáticas de pesquisa e principalmente, a respeito da fonte. A proposta seria a aquisição de novas fontes para a História, e o testemunho vivido podia enriquecer e legitimar ainda mais a pesquisa. De acordo com Danièle Voldman “[...] reavivou-se o interesse pela testemunha ocular, cujas potencialidades descritivas, narrativas e mesmo explicativas na escrita da História foram reconhecidas.” (VOLDMAN; 2006) Portanto, esse diálogo se deu a partir do interesse por parte da disciplina histórica em obter esses testemunhos oculares. Ainda corroborando para tal afirmação, as historiadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado revelam que “[...] a História interessou-se pela oralidade na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentais análises históricas com base na criação de fontes inéditas e novas.” (FERREIRA. AMADO; 2006) A abertura desses novos caminhos, permitiu diálogos entre a metodologia e a História; a busca por outras fontes, que não as tradicionais, foi a proposta inicial desse enlace, e que perdurou até os dias atuais. No século XX, a História Oral se constituiu como metodologia. Contudo, foi no início do século XXI que ela se legitimou, construindo uma estrutura teórica e metodológica consistente. Resultado disso foi a criação do conceito de “História do Tempo Presente” para o estudo do presente e do contemporâneo, de acordo com Danièle Voldman,

[...] se a História Oral é entendida como um método, ela deve incluir-se na história do tempo presente, e se ela serve para designar a parte pelo toda a expressão deve ser abandonada em prol da história feita com testemunhos. (VOLDMAN; 2006)

Mas, o que de fato é estudado e extraído a partir da História Oral? Ela é uma metodologia, que é utilizada para a aquisição de novas fontes, sendo essas fontes históricas -

ligadas à disciplina histórica - ou não. O que é extraído a partir dela são as memórias de indivíduos que vivenciam certos acontecimentos, de acordo com as perspectivas do pesquisador envolvido. A memória, que é a matéria-prima da História Oral, é entendida aqui como uma representação social de um indivíduo inserido em um contexto histórico, é o passado no presente. Para o historiador Henry Rousso ela é:

[...] uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda a memória é, por definição, coletiva. (ROUSSO; 2006)

Sabendo da seletividade da memória, e que mais do que isso ela é “[...] uma construção feita no presente a partir das vivências ocorridas no passado e no presente” (SENNA. MATOS; 2011) é sabido que foi a partir desse objeto de pesquisa da História Oral, que as críticas foram mais ferrenhas. Uma delas, se não a principal, é a falta de confiabilidade na memória. A grande maioria dos historiadores mais tradicionalistas se posicionava contra ela devido as suas falhas e as suas possíveis invenções. Quanto a isso, sabemos que a memória é construída ao longo da vida do sujeito, logo, a tentativa de expor essa fonte a partir da metodologia da História Oral é entendida como uma construção de experiências e significados. Portanto, deve-se levar em consideração também que é necessário estudar essa construção, entender os porquês destas construções memorísticas. De acordo com o historiador Alistair Thomson, os historiadores “[...] não se deram conta de que as “distorções” da memória podiam ser um recurso, além de um problema.” (FERREIRA; AMADO; 2006) Atualmente, a História Oral tomou o seu lugar dentro da academia, e principalmente dentro dos espaços ocupados pelos historiadores.

No que diz respeito ao tema dessa pesquisa, foi utilizado a História Oral para a extração de testemunhos e logo transformá-los em fontes memorísticas, com o intuito de trabalhar com algumas questões cotidianas que permeavam o universo infantil na década de 1950 em Rio Grande. Assim, aqui foram utilizadas memórias de um grupo que não foi privilegiado dentro da historiografia tradicional - as crianças. Corroborando com tal prerrogativa, utilizamos as observações do sociólogo Michel Pollak, que trabalha com o conceito de “memórias subterrâneas”. Para ele, a História Oral permitiu o acesso dos excluídos e dos marginalizados à construção da História. Esse conceito se caracteriza pelo estudo das memórias mais populares;

[...] ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe a “memória oficial”. (POLLAK; 1989)

No que tange a temática de pesquisa deste artigo, é observado a perspectiva da infância como um momento único e especial, fazendo da criança um ser espontâneo e verdadeiro. Para a professora Raquel Zumbano Altman “a criança é seu próprio brinquedo, a mãe é o seu brinquedo, o espaço que o cerca, tudo é brinquedo, tudo é brincadeira.” (ALTMAN; 2013) O que torna o testemunho da criança ou sobre a criança único. É importante observar também, o historiador francês Phillipe Àries, que foi um dos pioneiros no estudo sobre a infância. Para ele, o conceito se construiu historicamente e foi criado a partir dos adultos em relação aos pequeninos, ou seja, as crianças até o século XVIII não eram vistas como tal - pequenas, indefesas, sem cuidados especiais - eram simplesmente “adultos em miniatura”, faziam as mesmas tarefas que os adultos.

[...] no mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XVIII, não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. Essa recusa em aceitar na arte a morfologia infantil é encontrada, aliás, na maioria das civilizações arcaicas. (ÀRIES; 1981)

No Brasil, a noção de infância se consolidou de forma diversificada. De acordo com a historiadora Mary Del Priore a economia foi uma das motivações para a construção identitária dos pequeninos. Para ela, “tanto a escolarização quando a emergência da vida privada chegou com grande atraso.” (PRIORI; 2013) Sendo assim, as dificuldades financeiras e os problemas que envolviam falta de saneamento básico e moradia (os cortiços) afetaram o imaginário social e além disso, os conceitos de vida privada - aquela que eleva a família e a construção do conceito de lar, a mulher como rainha do lar - chegam aqui no Brasil tardiamente, o que dificulta e diferencia a concepção de infância, em comparação ao conceito construído pelas metrópoles do velho mundo.

Além disso, diferentemente do que Àries propôs em sua pesquisa sobre a infância na modernidade, a economia e as questões sobre a vida privada brasileira influenciaram de fato, na construção da noção de infância; a partir da dualidade emergente do capitalismo: entre o escravo e o patrão, entre o pobre e o rico. Essa foi a peça-chave para a constituição identitária da infância brasileira.

Mary Del Priori destaca ainda que essa construção se deu a partir do capitalismo emergente nos países europeus, em contraponto com o Brasil que dependeu durante algum tempo de sua metrópole e após a independência foi tardiamente industrializado por nações estrangeiras. Partindo dessa perspectiva econômica e política, sabemos das debilidades do sistema que acabam por promover principalmente o abismo entre as classes.

A partir dessa construção político-econômica, as crianças viviam sob duas perspectivas: os empresários mais ricos incentivam seus filhos a praticarem os estudos e sustentavam-nos em uma vida de bons costumes, luxos e paparricações. No que diz respeito aos pobres isso era completamente diferente: os filhos deveriam ajudar no sustento da casa e para isso deveriam trabalhar. Na lavoura, na indústria, nos centros urbanos, etc. De acordo com Priori “[...] o trabalho, como forma de complementação salarial para as famílias pobres ou miseráveis sempre foi priorizado em detrimento da formação escolar.” (PRIORI; 2013) Portanto, essa dualidade persistiu e se consolidou ao longo do século XX. Com a implementação da indústria, temos a introdução da criança dentro desses recintos; e, por conseguinte o trabalho infantil, resultado do processo econômico.

Com o processo de industrialização percebemos a introdução da criança dentro do mercado de trabalho das fábricas. Muitas famílias, que viviam com salários baixíssimos acabavam por ter que optar em retirar as crianças da escola para que elas pudessem trabalhar e ajudar no sustento do lar. No final do século XIX e início do XX, vivenciamos momentos importantes no que diz respeito a economia. Foram introduzidas no Brasil novas possibilidades de aquisição de capital, e como consequência disso observamos a introdução da criança no mercado de trabalho. Sendo um a mão de obra mais barata, ela seria um investimento para os donos das grandes companhias, juntamente com as mulheres.

A entrada maciça de imigrantes, capaz de alavancar a incipiente industrialização do final do século [XIX], trouxe consigo a imagem de crianças no trabalho fabril. Mais uma vez esses pequeninos imigrantes foram empurrados pela miséria e pela ausência de um Estado que se empenhasse a sua educação, a passar 11 horas em frente às máquinas de tecelagem, tendo apenas vinte minutos de “descanso”. Tornaram-se, simplesmente, substitutos do trabalho escravo. (PRIORI; 2013)

Contextualizando com o Rio Grande do Sul e com a cidade do Rio grande, representada aqui no ano de 1950, percebe-se que nesse período o estado sulino vive o seu apogeu industrial, e além disso, que a grande massa dos trabalhadores são crianças e

mulheres. Não somente no âmbito industrial, mas também no sentido social e cultural; as diferenças entre as esferas sociais são gritantes e sempre reflete na vida e nas possíveis ações das crianças.

Memórias infantis – Rio Grande, 1950.

Rio Grande, fundada em 1737 e constituída em cidade em 1835, foi um importante centro industrial a partir do segundo quartel do século XIX. Construiu toda a riqueza incipiente na indústria, primeiramente de bens de consumo e após nas indústrias de base. Essa é uma das suas principais características. De acordo com a historiadora Beatriz Loner:

[...] a cidade de Rio Grande desenvolveu um forte movimento operário, devido a algumas características peculiares da própria cidade, entre elas o fato de ter o único porto marítimo do estado gaúcho. (LONER; 1999)

Em 1950, Rio Grande ainda contava com um grande centro industrial, que refletia na própria construção identitária. Identidade aqui entendida sob a perspectiva de Em 1950, Rio Grande ainda contava com um grande centro industrial, que refletia na própria construção identitária. Identidade aqui entendida sob a perspectiva de Jöel Candau, “[...] não é mais do que uma representação ou um estado adquirido.” (CANDAU; 2012) As memórias dos habitantes rio-grandinos se construíram a partir dessas representações; elas fizeram e fazem ainda parte do imaginário social, e é possível de perceber quando conversamos com os mais velhos sobre o Rio Grande do século XX. Ainda, sobre esse aspecto, entendemos que a memória é um filtro que relembra aqui que nos é importante. De acordo com as historiadoras Júlia Matos e Adriana Senna “[...] filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos que nos é significativo.” (MATOS; SENNA; 2011) Isso é perceptível nas entrevistas feitas, e nas fontes analisadas neste trabalho.

Um dos aspetos mais observados nas entrevistas foi a representação do trabalho. Sabemos que Rio Grande coadunou a mão de obra infantil e a feminina, para uma melhor produção e conseqüente barateamento da mão de obra. Ratificando essa ideia, Loner trabalha sob a perspectiva de organização dos trabalhadores em sindicatos e a busca pelo amparo desses em relação ao trabalhador operário. As crianças também fazem parte disso,

[...] a organização de sociedades de mútuo socorro, para qual cada associado contribuía mensalmente e a união em torno de lutas comuns, através de movimentos de greve ou mobilização, por aumento de salário ou melhores condições de trabalho, diminuição da jornada de trabalho, regulação do trabalho de crianças e mulheres. (ALVES; 2001)

Contudo, sabemos que além das fábricas, existiam também os outros serviços. Babás, empregadas domésticas, agricultura, etc. Para a historiadora Irma Rizzini “[...] o Brasil tem uma longa história de exploração da mão de obra infantil. As crianças pobres sempre trabalharam.” (PRIORI; 2013) No mundo da infância, os ofícios eram específicos e desvalorizados. A partir das memórias utilizadas aqui, podemos fazer um sucinto esboço de alguns dos trabalhos feitos pelas crianças na cidade do Rio Grande, principalmente na década de 1950. As famílias que não tinha poder aquisitivo insistiam para que os filhos fossem trabalhar, pois o salário era necessário para ajudar no sustento do lar. Além disso, percebemos ainda que existe uma dicotomia: criança e trabalho são palavras que para os nossos dias não se complementam, mas na metade do século XX elas eram atreladas. Como já foi dito aqui, a dualidade entre uma sociedade rica e pobre, influenciou a construção identitária da infância. E juntamente com isso, grande parte dessas crianças não tinham uma infância dentro dos padrões que conhecemos hoje: não tinham uma moradia adequada, não possuíam uma alimentação saudável e suficiente, não tinham auxílio médico, e a escola passava longe de sua realidade. Trabalhavam, e o trabalho era parte do seu cotidiano, da sua infância e principalmente das suas brincadeiras. De acordo com as fontes:

Só tristeza e mágoa. Passei muito trabalho, muita fome e muita necessidade. Minha mãe era viúva, com quatro filhos pequenos, passei muito trabalho. Não tinha comida, não tinha nada. Era eu e mais quatro irmãos . E minha mãe nos botou pra trabalhar em uma casa em troca de comida. (MARIA; 2012)⁴

Comecei a trabalhar com 13 anos e fui até os 60. [...] Trabalhei de doméstica, de babá, depois comecei a trabalhar nas fábricas de peixe, limpando camarão. (ANA; 2013)

Havia! Quase tudo era guria, e todas eram do meu tamanho, novinha. [...]Na minha seção, eu me lembro de um [acidente], eu me lembro de uma batida de tapete, [...] fui virar o tear ao contrário, e o tear voltou e me deu aqui [no pé], quando me deu aqui assim, fiquei com o pé quebrado, até hoje sinto. [...] Tinha também muitas coisas que

⁴ Os sujeitos aqui representados possuem nomes fictícios, para a preservação da identidade.

⁵ Os sujeitos aqui representados possuem nomes fictícios, para a preservação da identidade.

aconteciam lá dentro, também né, os que escorregavam, caíam, se machucavam. (LUCIA; 1987)⁶

Existe uma contribuição latente e efetiva da mão de obra infantil em Rio Grande. Percebemos nas narrativas os acidentes e os riscos que essas crianças corriam. Sabemos que “[...] a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado” (MATOS; SENNA; 2011), as memórias aqui utilizadas foram de idosos que de certa maneira vivenciaram esses acontecimentos.

Quando perguntamos a um adulto sobre o que ele pensa sobre sua infância, a primeira afirmação que lhe vem a cabeça é: “quando eu era criança, eu adorava brincar.” Isso é um fato, a partir das entrevistas feitas podemos perceber que essa afirmação é a mais exposta. As brincadeiras faziam parte do cotidiano dessas crianças. De acordo com os testemunhos, quando perguntávamos o que vinha a mente quando se falava em infância, muitos chegaram a mesma resposta – brincar. Músicas, cantigas e versinhos, pique-esconde, pula-boneco, futebol, ciranda são brincadeiras que até hoje fazem parte da nossa caminhada enquanto crianças. Nas entrevistas, essas foram as lembranças mais contadas, isso possivelmente seja reflexo da memória coletiva, em que Maurice Halbwachs aborda no livro “A Memória Coletiva”. A partir das fontes, podemos perceber esses aspectos:

Nós brincávamos, e eram brinquedos sadios. Não é quem nem hoje, as gurizinhas com 12 e 13 anos querem namorar. A gente com 15 anos e 16 anos a gente pulava corda, brincava de se esconder. Brincava de casinha, as penelinhas era de lata de leite, aquelas de leite ninho e a gente aprendeu a fazer comida assim. [...] Lá em casa era cheio de morro, então a gente brincava de noite, a tardinha, e não tinha luz né, não tinha poste. [...] a os guris jogavam bolinha e a gente se entrosava no meio e jogava; (MARIA; 2013)

Eram muitas crianças, nós brincávamos de roda. Guris e gurias juntos, minha mãe ia tomar chimarrão na casa do vizinho e nós atravessávamos a rua e nós brincávamos ali, na volta da nossa casa. (ANA; 2012)

Eu brincava muito, jogava bola. Meu sonho era ser jogador de futebol. E eu brincava muito em frete ao correio, ali no centro. (JOÃO; 2012)⁷

Com o intuito de trazer alguns aspectos do cotidiano na cidade do Rio Grande, as memórias aqui utilizadas buscaram evocar do passado, a parte mais importante, aquilo que é

⁶ Os sujeitos aqui representados possuem nomes fictícios, para a preservação da identidade.

⁷ Os sujeitos aqui representados possuem nomes fictícios, para a preservação da identidade.

mais significativo para o indivíduo. Retomando o que foi proposto pelo sociólogo Maurice Halbwachs “a memória, para prolongar essa definição, é lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado.” (ROUSSO; 2006) O fato é que elas não representam a sociedade, nem o todo. Mas elas se representam e se afirmam como agentes dentro dos processos históricos, historicizando os espaços por onde passam e legitimando o seu processo histórico, a sua história. Os dois aspectos trabalhados aqui - trabalho e brincadeiras - é uma parte do todo. Muitas são as memórias, muitas são as fontes orais. Contudo, como as fontes aqui são produções a partir dos depoimentos humanos, carecemos de tempo e disponibilidade para elencar tudo o que é também pertinente.

Conclusão

A fonte não é constituída de verdades absolutas e inquestionáveis; todas elas estão sujeitas a erros, a interpretação do pesquisador e a falsas verdades. Com a memória, não é diferente: antes ela era excluída do âmbito acadêmico, hoje ela faz parte e é uma das principais fontes para o estudo do tempo presente. Passível de erros e falta de fidedignidade, a memória também carrega todas as indagações que uma fonte já documentada trás. “A memória e imaginação tem a mesma origem: lembrar e inventar guardam certa ligação.” (MATOS; SENNA; 2011) Partindo desse questionamento, as memórias aqui utilizadas foram exploradas a partir desses pressupostos. Para a extração dessas lembranças, a metodologia da História Oral foi fundamental. Desde a elaboração até a aplicação do roteiro de pesquisa.

Com o intuito de rememorar o passado, cada entrevistado contribuiu ricamente para a elaboração desse estudo. Foram apresentados aqui testemunhos que abarcam a memória cidadina, e a sua relevância histórica quando nos referimos à história da cidade do Rio Grande. Logo, as entrevistas nos proporcionaram observar e entender de certa forma, o cotidiano e principalmente a infância, pois a relação que se estabelece entre o pesquisador e o entrevistado tende a isso, a observar a realidade, a história viva. Mais do que demonstrar alguns aspectos da cidade do Rio Grande dos anos 50, essa pesquisa tende a incentivar àqueles que trabalham com a história do tempo presente a se utilizar da memória.

Referências

ÀRIES, Philippe. **História Social da Infância**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

PRIORI, Mary Del. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. IN: PINSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 155-202.

FRISCH, Michael. THOMSON, Alistair. HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2006. pp. 65-92.

ALTMAN. Raquel Zumbano. Brincando na História. IN: PRIORI, Mary Del. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013, pp. 231-258.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 15-31.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006. pp. 93-101.

LONER. Beatriz. O movimento operário na cidade de Rio Grande na República Velha. IN: ALVES, Francisco das Neves. (orgs.) **O Mundo do Trabalho na cidade de Rio Grande**. Editora: Furg. 2001, pp. 21-42.

VOLDMAN, Danièle. Definições e Usos. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006. pp. 33-41.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1989, pp. 3-15.

MATOS, Júlia. SENNA, Adriana. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. Rio Grande: Historiae, 2011. pp. 95-108.

ARAVANIS, Evangelia. A Industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República: a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920). **Revista Mundo do Trabalho**. pp. 148-180. Vol. 2. 2010.

Fontes

MARIA. 15 de março de 2013. Entrevista concedida a autora.

ANA. 25 de novembro de 2012. Entrevista concedida a autora.

LUCIA. 21 de dezembro de 1987. Entrevista concedida a Roseane de Borba Ávila.

JOÃO. 25 de novembro de 2012. Entrevista concedida a autora.